

## **SEXUALIDADE E ENSINO DE HISTÓRIA: UMA EXPERIÊNCIA EDUCATIVA NA CASA DA MEMÓRIA**

Joaquim dos Santos, Tais Haney Araújo Ferreira, Antônio Carlos Dias de Oliveira, Teófilo Silva Primo Correia, Zuleide Fernandes de Queiroz

*Universidade Regional do Cariri (URCA). E-mail: c.joaquimsantos@yahoo.com.br. Universidade Regional do Cariri (URCA). E-mail: taishaney@hotmail.com. Universidade Regional do Cariri (URCA). E-mail: carlosdyasoliver@gmail.com Universidade Regional do Cariri (URCA). E-mail: teofilocorreia44@gmail.com. Universidade Regional do Cariri (URCA). E-mail: zuleidefqueiroz@gmail.com*

**Resumo:** Este artigo reflete sobre a potencialidade dos debates tocantes aos estudos de gêneros e sexualidades nos espaços educativos não escolares, mais precisamente nos museus comunitários. Tomando como ponto de reflexão uma experiência educativa realizada na e a partir da Casa da Memória de Porteiras, localizada no município de Porteiras, na região do Cariri cearense, o texto analisa como os jovens fundadores e administradores do referido museu desenvolveram ações de formação de públicos amplos e diversificados, no tocante à compreensão da história a partir das relações de gênero e sexualidades. Em 2013, a Casa da Memória promoveu o VI Seminário Regional Espaço Aberto à Cultura (ESPACULT), evento de caráter comunitário realizado desde 2004. Com o tema Memória e Sexualidade, ele constou de palestras, atividades culturais e uma exposição temporária intitulada “Sexualidades: Papéis e Amores”. A exposição provocou debates sobre processos históricos, problematizando como os objetos do cotidiano são reveladores das relações de poder constitutivas das representações de gêneros e sexualidades.

**Palavras-chave:** Ação Educativa, Multiculturalismo, Ensino de História.

### **Introdução**

Ainda que o tema das sexualidades seja cada vez mais debatido fora da escola (na mídia, por exemplo) tal questão ainda é, em geral, um tabu em sala de aula, pelo menos nos discursos legitimados pelos/as professores/as. Estes frequentemente colocam a sexualidade no recinto da vida privada, anulando suas percepções e consequências sociopolíticas e culturais ao compreendê-la como uma problemática individual. Em tais discursos, os corpos na escola não têm desejo, não se vinculam a prazeres eróticos e, na verdade, não existem como forças constitutivas de quem somos nas práticas sociais (LOPES, 2013, p. 125).

No final da primeira década do século XXI, mais precisamente no ano 2008, quando a primeira edição do livro *Multiculturalismo: Diferenças culturais e práticas pedagógicas* foi publicado, Luiz Lopes pontuou como a sexualidade ainda era (e continua sendo) um tabu no campo educacional no Brasil, principalmente nos espaços educativos escolares. Ele lembrou como isso faz parte de um processo no qual fomos educados a ignorar os corpos e seus prazeres na educação. Nesse sentido, o corpo foi apagado, em contraposição às preocupações sobre a mente e a cognição, como se

eles existissem separadamente. Sob esse prisma, nas salas de aulas os corpos foram dessexualizados e descorporificados, visto que fomos educados a pensar sobre os estudantes sem perceber e/ou considerar suas raças/etnias, seus gêneros e desejos.

Seguindo essa direção, o processo de esquecer o corpo colaborou para a naturalização “de ideais corpóreos de raça como branquitude, de gênero como masculinidade e de sexualidade como heterossexualidade” (LOPES, 2013, p.126). De igual modo, as pesquisas sobre relações de gênero e sexualidades no campo da educação no Brasil desnudam a naturalização de tais ideais e os sofrimentos de muitas pessoas não conformadas com tais padrões.

Dando ênfase às relações de poder nas quais todos estamos inseridos, Guacira Louro (2012) lembra a necessidade de desconfiarmos daquilo que socialmente é apresentado como “natural”, especialmente no que diz respeito aos gêneros, seus papéis sociais e às sexualidades. Da mesma forma que Luiz Lopes (2013), ela direciona sua atenção, principalmente, para as instituições escolares.

Compreendendo como essas instituições são instâncias nas quais as diferenças precisam ser problematizadas a fim, dentre outras demandas, de colaborar nos processos de empoderamentos, sendo estes essenciais na educação em direitos humanos (CANDAUI, 2013), os espaços educativos não escolares, a exemplos dos museus, também assumem a função de problematizar os saberes da(s) cultura(s) a serem transmitidos. Outrossim, tais equipamentos podem frutificar conhecimentos sobre a construção e (des)construção das identidades e combater os preconceitos e as muitas outras formas de exclusão, como é o caso da LGBTfobia (o ódio contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e demais sexualidades não normativas).

Tomando o museu como um espaço de questionamento poético e produção de conhecimentos, nos sentidos apresentados por Bezerra de Meneses (2010) e Régis Lopes Ramos (2004), inquietamos nossos olhares sobre práticas educativas promovidas nos espaços não escolares que colaboram no processo de formação de consciências acerca da complexidade da sexualidade humana e suas dimensões históricas, sociais e culturais.

Nos limites desse artigo pretendemos analisar uma experiência educativa realizada na Casa da Memória de Porteiras, museu comunitário fundado aos 21 de setembro de 2007, na cidade de Porteiras, no Cariri cearense. Idealizada pelos jovens que naquele momento formavam o Grupo Retratores da Memória de Porteiras (REMOP), composto por cerca de dez integrantes, entre estudantes da educação básica, universitários e professores temporários da rede municipal de ensino, a Casa da Memória tornou-se realidade. O REMOP foi formado pelo curso de formação à distância sobre Memória e Patrimônio Cultural do Ceará, então promovido pelo Instituto da Memória do Povo

Cearense (IMOPEC). Essa ONG sediada em Fortaleza possuía um programa dedicado às Casas da Memória. Como resultado, foram criadas a Casa da Memória de Jaguaribara (1998) e Jaguaretama (2005), situadas no Vale do Jaguaribe, e de Porteiras (2007), no Cariri (IMOPEC, 2015).

Para o desenvolvimento deste artigo foram utilizadas imagens e publicações impressas e virtuais dos jovens da Associação REMOP, entidade mantenedora do museu, fundada em 2010. De igual modo, a pesquisa faz uso dos boletins do IMOPEC, publicizados entre os anos de 2004, quando o REMOP foi criado, e 2015, ano em que o último boletim foi publicado. Além disso, utilizamos as publicações do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), quando fazem referência às programações do museu estudado.

Vale destacar que esta pesquisa vem sendo desenvolvida através do projeto de Iniciação Científica intitulado *Memória, História Pública e Ensino: O IMOPEC e a produção de saberes históricos (1988-2015)*. Este conta com o apoio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica no Ensino Médio (PIBIC EM), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), junto à Universidade Regional do Cariri (URCA). O estudo, iniciado no segundo semestre do ano de 2017, conta com a atuação de cinco bolsistas, estudantes atualmente matriculados no 2º ano do Ensino Médio na E.E.F.M. Aristarco Cardoso, localizada no Centro da cidade de Porteiras.<sup>1</sup>

## Resultados e discussão: tessituras da experiência

A região do Cariri é considerada uma mesorregião sul cearense, possuindo fronteiras com os estados do Piauí, Pernambuco e Paraíba (IPECE, 2012). Além da sua diversidade cultural e natural, reconhecida nacionalmente pelos órgãos públicos federais, pesquisadores e instituições científicas, o Cariri também é lembrado pelos altos índices de violência de gênero e de sexualidades sofridos, principalmente, pelas meninas, mulheres e LGBT's.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> De autoria e coordenação do prof. Joaquim dos Santos (URCA), o projeto conta com a participação dos estudantes Daniele Sousa, Joslene Tavares, Marcos Vinícius Santana, Mikaelly Silva e Vanderson dos Santos. Ele conta também com a colaboração da professora de Língua portuguesa Karina Pereira. Além das atividades coletivas do grupo, como é o caso dos debates e das apresentações de textos teóricos e de pesquisas históricas, eles produzem textos acadêmicos. Cada estudante atua em um dos cinco eixos do projeto, sendo eles: 1. História e memória das comunidades indígena; 2. História e memória das comunidades negras; 3. História, memória e museus comunitários (do qual esse artigo é resultado); 4. História e patrimônio cultural imaterial; 5. História, patrimônio natural e movimentos ambientais.

<sup>2</sup> Como exemplo, lembramos que entre os anos de 2001 e janeiro de 2012, ocorreram, no Cariri, “191 assassinatos de mulheres - a maioria no âmbito doméstico e por motivações diversas (...). A taxa de violência contra a mulher na região é considerada uma das mais altas do Nordeste”. *Jornal O Povo*, Fortaleza, 30 de jan. de 2012. Disponível em: <http://www.opovo.com.br>. Acesso em: 28/11/2015. É válido lembrar que há um movimento social e intelectual que reivindica a inclusão das letras Q, para representar os integrantes da teoria *Queer*, e I, os intersexuais.

Tomando como ponto de partida o reconhecimento da necessidade de formar consciências históricas sobre as violências e exclusões desses sujeitos, bem como pensando nos silêncios sobre o tema das sexualidades nos espaços educativos formais e não formais de Porteiras, os jovens do REMOP tomaram a iniciativa de estimular ações voltadas à educação em direitos humanos, nesse caso, especificamente, no que concerne à compreensão da historicidade das relações de gêneros e da diversidade sexual.

Nos dias 17 e 18 de maio de 2013, a Casa da Memória realizou o VI Seminário Regional Espaço Aberto à Cultura (ESPACULT). Esse evento vem ocorrendo desde 2004, ano de sua primeira edição. Este é um momento muito significativo no qual diferentes sujeitos e segmentos sociais se envolvem nas atividades propostas pelo grupo REMOP e, partir de 2007, pela Casa da Memória. Em cada edição um tema é aprofundado, articulando as experiências da história local e regional com questões mais amplas, a exemplo das reflexões sobre arte e cultura, patrimônio cultural material e imaterial, afrodescendência e natureza.<sup>3</sup>

No último número publicado do *Boletim Raízes*, em 2015, a coordenadora de projetos do IMOPEC e uma de suas fundadoras, Célia Guabiraba, narrou:

Em Porteiras, anualmente são realizadas atividades culturais a partir da Casa da Memória, momento que se convencionou chamar de “Espaço Aberto à Cultura” – ESPACULT. É um momento de confraternização, estudo e aprofundamento de temas previamente escolhidos pelos dirigentes da Casa. Nessas ocasiões, o grupo se afirma cada vez mais diante da comunidade, que é envolvida pelas ações planejadas e divulgadas com antecedência, delas participando crianças, jovens e adultos (IMOPEC, 2015, p.5).

O VI ESPACULT ocorreu dentro das comemorações da 11ª Semana Nacional de Museus, cujo tema foi *Museu: memória + criatividade = mudança social*, evento promovido pelo Instituto Brasileiro de Museus (BRASIL, 2013). Nessa edição, o ESPACULT aprofundou o tema *Memória e Sexualidade*, no intento de problematizar a consciência histórica sobre as relações entre a herança patriarcal, machista e sexista da formação histórica da região do Cariri e a violência de gênero na atualidade. Com a mesma relevância, a Casa da Memória se preocupou em promover o debate sobre as relações de gêneros, os papéis sociais que historicamente foram e continuam sendo atribuídos ao masculino e ao feminino, bem como as tensões contemporâneas em torno das sexualidades e sentimentalidades.<sup>4</sup> Como lembra a historiadora Guacira Lopes Louro:

<sup>3</sup> Consecutivamente, esses foram os temas dos ESPACULTs realizados nos anos de 2004, 2006, 2007, 2010 e 2011.

<sup>4</sup> Sobre essa edição do ESPACULT, ver detalhes e imagens no blog da Associação REMOP, a saber: [retratores.blogspot.com.br](http://retratores.blogspot.com.br).

Em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo. Essas construções e esses arranjos são sempre transitórios, transformando-se não apenas ao longo do tempo, historicamente, como também transformando-se na articulação como as histórias pessoais, as identidades sexuais, étnicas, de raça, classe... (LOURO, 2012, p.32).



Figura 1. Segunda sede da Casa da Memória. Foto: acervo do REMOP. 2012.

Dentro da programação do VI ESPACULT foram promovidas: uma mesa-redonda que discutiu o tema *Memória e Sexualidade*; um cortejo de tradição cultural pelas ruas de Porteirás; um show musical na Praça da Liberdade (um espaço central da cidade), a abertura de uma exposição temporária na Casa da Memória e visitas guiadas à referida exposição (IBRAM, 2013).

A mesa redonda *Memória e Sexualidade* ocorreu na EEM Aristarco Cardoso. Ela foi composta por um historiador, um psicólogo e uma bióloga. Tal proposta tentou provocar um debate interdisciplinar com os estudantes, entrecruzando problemáticas tocantes às experiências históricas da sexualidades, suas conexões com a psicologia e a biologia.

Num primeiro momento, o professor de história destacou as dimensões históricas da sexualidade, lançando luz, principalmente, para os processos de exclusão social a qual pessoas que não se reconhecem como heterossexuais, e, portanto, se contrapõem à heteronormatividade, são submetidas. Assim, a violência de gênero e de sexualidades foram pontuadas. De igual modo, foram colocadas no debate a necessidade de afirmação das diferentes sexualidades e dos processos de empoderamentos de pessoas LGBT's.

Seguindo essa linha reflexiva, o psicólogo convidado puxou respostas dos estudantes para perguntas relacionadas aos papéis sociais e outras normas socialmente constituídas e relacionadas às relações de gênero e às sexualidades. Nesse momento, funções que no senso comum cabem às mulheres e aos homens foram elencadas pelos alunos, ao passo em que eram questionadas pelo convidado. Esse exercício fez pensar sobre os mecanismos de controle de gênero e sobre a tradição machista e heteronormativa presentes na sociedade atual.

Por fim, a professora de biologia colocou em cena a construção cultural dos corpos, aludindo também para os perigos das relações sexuais sem preservativos. Na ocasião, ela demonstrou a gravidade das doenças sexualmente transmissíveis e como elas podem atingir qualquer pessoa, independente da sua orientação sexual. Abordou, outrossim, as complicações da gravidez na adolescência. Nesses termos, corpo e saúde foram discutidos a partir da reflexão sobre as sexualidades.



Figura 2. Mesa redonda na EEM Aristarco Cardoso. Foto: acervo do REMOP. 2013.

## **Sexualidades: papéis e amores**

O que sentimos quando revisitamos velhas cartas de amor ou avistamos mais um enlace matrimonial? Qual a natureza dos sentimentos amorosos e da intimidade da sexualidade? Qual a relação entre sexualidade e identidade? E quais formas de amar e papéis sociais são construídos no cotidiano dos nossos dias? A exposição “Sexualidade: Papéis e amores” convida-nos a repensar as paixões, as brincadeiras

amorosas, os prazeres e os dramas tecidos entre os amores e as práticas sexuais. Afinal, o que significa falar da libertação da palavra e das formas de amar?

A citação mencionada acima foi o texto de abertura da exposição temporária já mencionada. Ele teve a função de provocar uma primeira percepção nos visitantes sobre a proposta da atividade, ao passo em que também procurou lançar questionamentos para, a partir deles, os visitantes inquietarem seus olhares, a fim de perceber o questionamento poético das palavras e das coisas ali expostas.

A exposição de curta duração expôs objetos usados no cotidiano dos moradores da cidade. Alguns foram emprestados especificamente para aquela ocasião. Outros já pertenciam ao acervo do Museu. Eles foram expostos e problematizados a partir da pedagogia do objeto gerador (RAMOS, 2004), na tentativa de provocar o estranhamento e a compreensão dos processos de construção dos gêneros e de seus papéis sociais.

Carrinhos e bonecas de plásticos coloridas foram expostos sobre um mesmo expositor, no intuito de provocar a reflexão concernente às funções dos brinquedos na formação social e normativa dos gêneros. De igual modo, peças íntimas femininas, como um sutiã e um absorvente foram expostos, na tentativa de estranhar as mudanças no corpo feminino e a moralidade que historicamente lhe recobriu. Na mesma sala, cartas de namorados escritas à mão foram coladas em uma parede, levando os visitantes a ponderarem sobre as sensibilidades amorosas: como as descobertas das paixões, os afetos, os enlaces e desenlaces. Afinal, a escrita e (n)o papel também corroboram na firmação daquilo que é considerado feminino e masculino. Por fim, fotografias e imagens de casais e famílias foram expostas, colocando em cena a pluralidade de afetos e os novos arranjos familiares da contemporaneidades.

## **Conclusões**

A experiência analisada envolveu um público amplo e diversificado. A mesa-redonda, no espaço escolar, e a exposição, no museu, colocaram em cena a necessidade de fortalecimento de ações nos espaços educativos escolares e não escolares tocantes ao debate sobre gênero e sexualidade na contemporaneidade.

O ESPACULT mostrou que a história das relações de gênero no, diálogo com a história do corpo, e os processos históricos de exclusão podem ser descortinados a partir de objetos do cotidiano presentes no dia-a-dia das pessoas. A questão recai no deslocamento dos seus usos e na sua

problematização mediante o confronto com outros objetos no espaço museal. Aqui, a pergunta e o estranhamento são essenciais.

De igual modo, o ESPACULT demonstrou como a construção da consciência crítica e histórica sobre as relações de gênero e suas exclusões precisa incorporar os saberes das comunidades para, a partir daí, desconstruir os papéis sociais engessados na tradição heteronormativa e patriarcal, bem como que tal consciência é necessária para pluralizar os gêneros.

Portanto, a experiência colaborou para a compreensão da complexidade desse debate, propondo a pluralização dos gêneros e a desconstrução do pensamento dicotômico (masculino x feminino) e dos argumentos biológicos e culturais que historicamente constituíram o homem e a masculinidade como pontos nodais nas redes de relações, hierarquias e valores sociais.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Iara Maria; NUNES, Cícera (Orgs.). *Diversidade e gênero: Desafios à formação docente*. Crato: URCA; SECITECE: Fortaleza, 2016.

BEZERRA DE MENESES, Ulpiano Toledo. O museu e a questão do conhecimento. In: GUIMARÃES, M. L. S.; RAMOS, F. R. L. (Orgs.). *Futuro do Pretérito: Escrita da história e história do museu*. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar/Expressão Gráfica Editora, 2010, p.13-33.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Museus. *11ª Semana de Museus: Memória + criatividade = mudança social*. Brasília: IBRAM, 2013.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução Renato Aguiar. 12 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CANDAU, Vera Maria et al. *Educação em direitos humanos e formação de professores(as)*. São Paulo: Cortez, 2013.

DAS, Veena. Gênero e identidade: mapeando as questões. In: JÚNIOR, Brasília Sallum et al. *Identities*. São Paulo: EdUSP, 2016, p.67-79.

FONSECA, Selva Guimarães; SILVA, Marcos A. *Ensinar história no século XXI: Em busca do tempo entendido*. 4 ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.

GREGORI, Maria Filomena. Gênero, violência e os limites da sexualidade. In: JÚNIOR, Brasília Sallum et al. *Identidade*. São Paulo: EdUSP, 2016 p. 81-98.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ (IPECE). *Anuário Estatístico do Ceará: 2012*. Disponível em: <http://www2.ipece.ce.gov.br/publicacoes/anuario/anuario2012/index.htm>. Acesso em: 26/04/2014.

INSTITUTO DA MEMÓRIA DO POVO CEARENSE (IMOPEC). *Boletim Raízes*. Fortaleza, IMOPEC, nº 64, jan/jun. 2015.

\_\_\_\_\_. *Boletim Raízes*. Fortaleza, IMOPEC, nº 59, jul/set. 2007.

LOPES, Luiz Paulo Moita. Sexualidades em sala de aula: discurso, desejo e *teoria queer*. In: CANDAU, Vera Maria; MOREIRA, Antonio Flávio (Orgs.). *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 125-148.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 14 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). *Corpo, Gênero e sexualidade*. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

PASSERINE, Luisa. *A memória entre política e emoção*. Tradução Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. *A danação do objeto: o museu no ensino de história*. Chapecó: Argos, 2004.

\_\_\_\_\_. Utilidades do passado: Museu, memória e ensino de história. CAVALCANTE, Maria Juraci et al. *História da educação comparada: discursos, ritos e símbolos da educação popular, cívica e religiosa*. Fortaleza: Edições UFC, 2011, p.27-51.

SANTOS, Cícero Joaquim dos. Rebuliços no passado: o ensino de história no museu comunitário. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, São Leopoldo, v. 6, n.12, pp. 38-51, 2014.

\_\_\_\_\_. *Passado alumiado: representações históricas de Porteiras*. Fortaleza: IMOPEC, 2011.

SCOTT, Joan. *Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history*. New York, Columbia University Press, 1989.

SILVA, Vanderlei Kalina; SILVA, Henrique Maciel. *Dicionário de conceitos históricos*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

SILVA, Cristiani Bereta da. Livros didáticos de história e a produção de subjetividades de gênero. In: SILVA, Cristiani Bereta; ASSIS, Gláucia de Oliveira; KAMITA, Rosana (Orgs.). *Gênero em movimento: novos olhares, muitos lugares*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007, p.229-245.